

**“GEOGRAPHY IS AN ILUSION.”: REFLEXÕES SOBRE  
DIÁSPORA E IDENTIDADE EM *THE WORLD IN HALF*, DE  
CRISTINA HENRÍQUEZ**

Maria Cláudia Simões<sup>1</sup>

"O efeito das migrações em massa tem sido a criação de radicalmente novos tipos de seres humanos: pessoas que se enraízam em ideias ao invés de lugares, em memórias tanto quanto nas coisas materiais; pessoas obrigadas a definir-se - porque elas são definidas por outros - por sua alteridade; pessoas em cujos seres mais profundos ocorrem estranhas fusões, uniões sem precedentes entre o que eram e onde elas se encontram. O migrante suspeita da realidade: tendo vivenciado várias formas de ser, ele entende a sua natureza ilusória. Para ver as coisas claramente, você tem que atravessar uma fronteira."<sup>2</sup>

Salman Rushdie, *Imaginary Homelands*

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciência da Literatura do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

<sup>2</sup> Texto original: "The effect of mass migrations has been the creation of radically new types of human being: people who root themselves in ideas rather than places, in memories as much as in material things; people who have been obliged to define themselves – because they are so defined by others – by their otherness; people in whose deepest selves strange fusions occur, unprecedented unions between what they were and where they find themselves. The migrant suspects reality: having experienced several ways of being, he understands their illusory nature. To see things plainly, you have to cross a frontier." Salman Rushdie, *Imaginary Homelands*.

**RESUMO:** Este artigo objetiva discutir a questão da identidade de sujeitos diaspóricos no romance *The World in Half*, da escritora panamenho-americana Cristina Henríquez, analisando como o hibridismo pode desempenhar um significativo papel no processo de construção dessa identidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Diáspora. Hibridismo.

**ABSTRACT:** This article aims at discussing the issue of identity of diasporic subjects in the novel *The World in Half*, by Panamanian-American writer Cristina Henríquez, analyzing how hybridity may play a significant important role in the process of the construction of this identity.

**KEY-WORDS:** Identity. Diaspora. Hybridity.

A questão da identidade é um significativo elemento no processo de formação do indivíduo. Ainda que possamos desfrutar da falsa impressão de que sejamos um só ser ao longo de nossa vida, na realidade, somos compostos de fragmentos de nós mesmos que mudam constantemente no decorrer do tempo. Como o teórico Stuart Hall nos alerta, se temos a impressão de que possuímos uma identidade unificada desde o nosso nascimento até a morte, é porque construímos uma estória confortável ou uma narrativa do ser sobre nós mesmos (HALL, 2005, p. 598). Hall acrescenta:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Em vez disso, enquanto se multiplicam os sistemas de significado e representação cultural, nós somos confrontados por uma desconcertante e fugaz multiplicidade de identidades possíveis, qualquer uma com as quais poderíamos nos identificar – pelo menos, temporariamente.<sup>3</sup> (HALL, 2005, p. 598. Tradução minha.)

---

<sup>3</sup> Texto original: “The fully unified, completed, secure, and coherent identity is a fantasy. Instead, as the systems of meaning and cultural representation multiply, we

A identidade apresenta-se em constante processo, não devendo ser considerada como uma entidade cristalizada. O teórico Stuart Hall alerta que “em vez de se pensar em identidade como um fato já realizado (...), nós devemos pensar, em vez disso, em identidade como uma ‘produção’, que nunca está completa, sempre em processo, e sempre constituída dentro, não fora, da representação.”<sup>4</sup> (HALL, 1997b, p. 110. Tradução minha) Em indivíduos que, por motivos diversos, vivenciam ou vivenciaram a diáspora, o habitar uma nova sociedade pode estabelecer-se como um significativo elemento no processo de construção de sua identidade. Além disso, o sentimento de não pertencimento que pode figurar nesses indivíduos híbridos, compostos por mais de uma cultura, por mais de uma sociedade, acaba também por contribuir para esse processo. Vale a pena observar que tal sentimento pode apresentar-se tanto em relação à sociedade anfitriã quanto à terra natal.

Valiosos retratos desse tipo de experiência diaspórica podem ser percebidos em obras literárias de autoras contemporâneas de origem caribenha, que, por razões diversas, passaram a habitar a sociedade estadunidense. Escolhendo por produzirem suas obras na língua inglesa, tais escritoras podem acabar por proporcionarem uma maior visibilidade à sua terra de origem, oferecendo a seus leitores uma importante oportunidade de tomarem ciência de uma sociedade até então desconhecida ou, pelo menos, não completamente estudada.

Mesmo já tendo nascido em solo estadunidense, escritores cujos antepassados possuam raízes em outra sociedade podem acabar por serem, de alguma forma, influenciados por tais ambientes. Tal influência pode ocorrer ainda que tais escritores tenham sempre habitado a sociedade de destino de sua família, situação esta frequente em autores nascidos nos Estado Unidos, mas de origem caribenha.

Um exemplo dessa relevante produção que desponta pode ser percebido no romance *The World in Half* (1999), da escritora panamenho-americana Cristina Henríquez. Filha de pai panamenho, Cristina Henríquez nasceu e foi criada nos Estados Unidos. Durante a infância, a autora mantinha intenso contato com suas

---

are confronted by a bewildering, fleeting multiplicity of possible identities, any one of which we could identify with – at least temporarily. (HALL, 2005, p. 598)

<sup>4</sup> Texto original: “instead of thinking of identity as an already accomplished fact (...), we should think, instead, of identity as a ‘production’, which is never complete, always in process, and always constituted within, not outside, representation.” (HALL, 1997b, p. 110)

origens panamenhas ao passar as férias de verão com a família e seus parentes, como Henríquez declara em entrevista ao escritor Luis Alberto Urrea (HENRÍQUEZ, 2012).

Este artigo objetiva discutir a questão da identidade de sujeitos diaspóricos no romance *The World in Half*, de Cristina Henríquez, analisando como o hibridismo pode desempenhar um significativo papel no processo de construção dessa identidade. No romance, a jovem Miraflores Catherine Reid é uma estudante de geologia da Universidade de Chicago. O romance inicia-se no momento em que a protagonista tem que lidar com a condição médica de sua mãe Catherine, que foi acometida pelo mal de Alzheimer.

Até então, a quantidade de informações fornecidas por sua mãe acerca de seu pai limita-se ao fato de a jovem ter sido fruto de um relacionamento extraconjugal quando o marido militar de sua mãe estava baseado no Panamá. Como a mãe praticamente não falava sobre o pai, Miraflores acabou por construir uma história em torno de suas origens. Nesse quebra-cabeça que ela mesma criou, a jovem passou a acreditar que o pai nunca desejou manter contato com ela e nem mesmo conhecê-la. Miraflores observa:

I always thought of him [her father] as a man who, upon learning she [her mother] was pregnant, decided he didn't have much interest in raising a child, so he let her, and me, go. It isn't a story my mother ever verified. It isn't a story that I tested out loud. It's simply what I pieced together from what little I knew about him, about their situation, about the past. And it seemed easy enough to believe. My father, after all, had never contacted me, and on the few occasions I brought him up, my mother usually told me not to worry about him or else just gazed at me with the kind of excruciating sorrow that would shut anyone down.<sup>5</sup> (HENRÍQUEZ, 1999, p. 15)

---

<sup>5</sup> “Eu sempre pensei nele [seu pai] como um homem que, ao saber que ela [sua mãe] estava grávida, decidiu que ele não possuía muito interesse em criar uma criança, então ele a deixou ,e a mim, ir. Isso não é uma estória que minha mãe alguma vez verificou. Nem mesmo é uma estória que eu testei em voz alta. É simplesmente o que eu montei a partir do pouco que eu soube sobre ele, sobre a situação, sobre o passado. E isso parecia fácil o suficiente para acreditar. Meu pai, afinal, nunca me contactou, e nas poucas ocasiões que eu abordei o assunto, minha mãe normalmente me dizia para não me preocupar com ele ou apenas me olhava com o tipo de dor excruciante que faria qualquer um calar-se.” (HENRÍQUEZ, 1999, p. 15. Tradução minha.)

Quando Miraflores interrompe seus estudos na Universidade e retorna a casa a fim de cuidar de sua mãe, a jovem encontra cartas de seu pai Gatún Gallardo. Nelas, ele externa todo o seu amor à Miraflores e à sua mãe e o quanto ele desejava que os três constituíssem uma família. Sem revelar seus planos à mãe, Miraflores viaja ao Panamá a fim de tentar encontrar seu pai e preencher as lacunas de seu passado e de sua própria identidade, geradas pelo vazio gerado pela ausência de seu pai.

No decorrer de sua infância e adolescência, Miraflores ressentia-se do fato de desconhecer a sua própria história. Interessantemente, ainda que negasse à Miraflores o direito de conhecer toda a história envolvendo seus pais, Catherine insistia que a filha aprendesse a língua espanhola, como que para forjar um elo entre a filha e seu passado. Todavia, o aprendizado do espanhol já se apresentava de maneira natural para a jovem como reflexo de sua conexão com a terra de origem de seu pai. Miraflores acrescenta: “And she [her mother] wanted to give me a connection to some part of my background. She wanted to hold open a doorway to myself.”<sup>6</sup> (HENRÍQUEZ, 1999, p. 27)

É interessante destacar que o nome de Miraflores tem sua origem no próprio Canal do Panamá. Ao mesmo tempo em que divide o mundo ao meio, o Canal conecta os dois lados do globo. No romance de Cristina Henríquez, o nome da jovem, assim como o nome de seu pai Gatún, é relacionado às eclusas presentes no famoso Canal. Tais instalações permitem a passagem de embarcações entre o Oceano Atlântico e o Oceano Pacífico. Uma leitura dos nomes de pai e filha pode ser a conexão que parece ser estabelecida entre os dois mundos que a jovem habita, construindo uma relação próxima entre as duas culturas.

Cabe destacar que podemos ainda observar a característica móvel e fragmentada que forma a identidade de personagem Miraflores nesse contexto diaspórico. Como Avtar Brah observa, a identidade não é um construto singular, mas um construto multifacetado e de contexto específico (BRAH, 1996, p. 46). O contexto no qual o indivíduo está inserido desempenha um importante papel nesse processo. No romance de Cristina Henríquez, Miraflores, no Panamá, sai em busca de seu pai com a ajuda de um vendedor de flores chamado Danilo, que se tornará seu amigo

---

<sup>6</sup> “E ela [sua mãe] desejava me dar uma conexão a alguma parte de meu passado. Ela desejava deixar uma porta aberta para mim mesma.” (HENRÍQUEZ, 1999, p. 27. Tradução minha.)

próximo. Em suas reflexões com Danilo sobre as questões envolvendo fronteiras, Miraflores observa o caráter fluido do termo:

“The boundaries of a place are always changing,” I say. He [Danilo] stares at me, puzzled. I’m not sure I used the right word in Spanish for “boundaries.” “I mean that you can’t say a place belongs to a country just because of the land it’s on. A long time ago this land was Spain’s, so the city would have belonged to Spain. Now the land is Panamá’s, so the city belongs to Panamá. In a thousand years it could be China’s, so it would belong to China.”

He looks unconvinced.

“I’m saying it’s all political. They’re just different names for the same place. The land doesn’t belong to anyone. It only belongs to itself.”

Maybe my Spanish is shaky, because he still looks perplexed. But he says, “Geography is an illusion? Is that what you mean?”

Exactly.<sup>7</sup> (HENRÍQUEZ, 1999, p. 59)

Em suas reflexões, Miraflores observa o caráter fluido e político envolvendo a questão das fronteiras. Vale apenas lembrar as discussões acerca do conceito de nação levantadas por Benedict Anderson. O teórico argumenta que a nação é “uma comunidade política imaginada – e imaginada como inerentemente limitada e soberana.”<sup>8</sup> (ANDERSON, 2006, p. 6. Tradução minha.) Anderson afirma que a nação é imaginada porque “os membros até mesmo da menor nação nunca conhecerão a maioria de seus companheiros, nem encontrarão, ou mesmo ouvirão sobre eles, ainda

---

<sup>7</sup> “As fronteiras de um lugar estão sempre mudando,” eu digo. Ele [Danilo] me encara, confuso. Eu não estou certa de que usei a palavra correta em espanhol para ‘fronteiras’. ‘Eu quero dizer que você não pode dizer que um lugar pertence a um país somente por causa da terra em que está. Há muito tempo esta terra era da Espanha, então a cidade teria pertencido a Espanha. Agora a terra é do Panamá, então a cidade pertence ao Panamá. Em mil anos

<sup>8</sup> Texto original: “an imagined political community – and imagined as both inherently limited and sovereign.” (ANDERSON, 2006, p. 6)

---

que na mente de cada um exista a imagem de comunhão.”<sup>9</sup> (ANDERSON, 2006, p. 6. Tradução minha.)

Ainda que Miraflores não tenha, até então, estado na terra natal de seu pai, a jovem aparenta já se sentir conectada ao local. A moça parece nutrir um desejo por solidificar, ou mesmo construir, um elo com o solo panamenho. Uma razão para esse comportamento pode ser ventilada no fato de a jovem não conseguir sentir-se totalmente pertencente à sociedade estadunidense. Miraflores reconhece o seu posicionamento no entre-lugar: “In between the two countries that were both part of me, I never knew where I was or where I was supposed to be.”<sup>10</sup> (HENRÍQUEZ, 1999, p. 79)

A fragmentação que compõe Miraflores problematiza ainda mais a questão da identidade, que já se apresenta sempre multifacetada. Como Lawrence Grossberg observa, “a figura da *fragmentação* enfatiza a multiplicidade das identidades e das posições dentro de qualquer identidade aparente.”<sup>11</sup> (GROSSBERG, 1997, p. 91. Itálico no original. Tradução minha.) Grossberg ressalta: “As identidades são sempre contraditórias, compostas de fragmentos parciais.”<sup>12</sup> (GROSSBERG, 1997, p. 91. Tradução minha.)

No romance *The World in Half*, as lacunas produzidas na construção da identidade de Miraflores acabam por gerar certa perturbação na jovem. Antes de sua partida para o Panamá, Miraflores decide comprar um guia de viagens visando à sua estadia naquele país caribenho. Na livraria, ao ter em suas mãos um guia de viagens sobre o Panamá, Miraflores sente-se desconfortável: “As I looked at it [a Panama guidebook] in my hands, my stomach tightened. I remember thinking that it was like

---

<sup>9</sup> Texto original: “the members of even the smallest nation will never know most of their fellow-members, meet them, or even hear of them, yet in the minds of each lives the image of their communion.” (ANDERSON, 2006, p. 6)

<sup>10</sup> “Entre os dois países que eram ambos partes de mim, eu nunca soube onde eu estava ou onde eu deveria estar.” ((HENRÍQUEZ, 1999, p. 79. Tradução minha.)

<sup>11</sup> Texto original: “The figure of *fragmentation* emphasizes the multiplicity of identities and positions within any apparent identity.” (GROSSBERG, 1997, p. 91. Italics in the original.)

<sup>12</sup> Texto original: Identities are always contradictory, made up of partial fragments.” (GROSSBERG, 1997, p. 91)

looking at a piece of myself laid bare. There was something painful about it, the way it was so unfamiliar to me.”<sup>13</sup> (HENRÍQUEZ, 1999, p. 85)

A formação acadêmica em geologia que Miraflores estava perseguindo contribui para que a jovem produza uma imagem que relaciona o ser humano aos continentes, refletindo, nesse processo, sua busca por pertencimento. A protagonista recorda-se de seus estudos sobre a formação do planeta, na qual se sabe que há milhões de anos os continentes eram uma única massa de terra. O vazio que não consegue ser preenchido por duas nações compele a jovem a estabelecer uma relação entre a formação do planeta Terra e a composição dos seres humanos, como podemos perceber no fragmento a seguir:

If humans had been around back then, the entire population of the earth would have lived on one gigantic island. I obsessed over it for weeks. Actually, I think I'm still obsessing over it. That single fact is what got me hooked on geology and geography in the first place. Because the idea of it is so compelling. The earth used to be a continent. And over time, that continent, carried on the backs of dozens of different tectonic plates, broke apart. Even now, the plates are moving under our feet. The continents are on a collision course every second of every day. (...) I like to imagine that the reason behind all of that relentless effort is that the continents are yearning to come together again, as they were in the beginning.

Humans try to be like continents. We stumble and crisscross and stagger all over the world in an effort to find our way back to one another. It seems to be the main business of life sometimes: our disordered attempt to bump into other people. Straining, straining, just to touch.<sup>14</sup> (HENRÍQUEZ, 1999, p. 85)

---

<sup>13</sup> “Quando olhei para ele [um guia sobre o Panamá] em minhas mãos, meu estômago ficou apertado. Lembro-me de pensar que era como olhar para um pedaço de mim desnudada. Havia algo doloroso sobre isso, a maneira que era tão estranho para mim.” (HENRÍQUEZ, 1999, p. 85. Tradução minha.)

<sup>14</sup> “Se os seres humanos existissem na época, toda a população da Terra teria vivido em uma ilha gigantesca. Eu fiquei obcecada por isso durante semanas. Na verdade, eu acho que eu ainda estou obcecada por isso. Esse único fato é o que tem me viciado em geologia e geografia em primeiro lugar. Porque a ideia disso é tão irresistível. A terra costumava ser um continente. E ao longo do tempo, esse continente, levado nas costas de dezenas de diferentes placas tectônicas, se separou. Mesmo agora, as placas estão se movendo sob nossos pés. Os continentes estão em



Talvez como uma tentativa de conectar os seus dois mundos, Miraflores procura desenvolver uma analogia entre os indivíduos e os continentes. Por esse olhar, Miraflores destaca como os indivíduos podem mover-se, assim como o solo que pisam, com o objetivo de unirem-se. A ânsia da personagem por pertencimento pode ser percebida quando a jovem está no Canal do Panamá e se depara com o prédio que exibe o seu nome, “Miraflores Locks”. A jovem não consegue conter sua surpresa ao mesmo tempo em que demonstra esperança em fazer parte dessa sociedade. Miraflores observa: “For a girl who was never able to find a key chain with her name on it, or a personalized pencil, or a hat with her name stitched in above the bill, it’s a shock. But a welcome shock. My name is familiar here. If it belongs here, maybe I could, too.”<sup>15</sup> (HENRÍQUEZ, 1999, p. 117)

Possuir origens em outro lugar marca significativamente a personagem Miraflores, influenciando a construção de sua própria identidade. Como Stuart Hall destaca, “Todos nós estamos (...) *étnicamente* localizados e nossas identidades étnicas são cruciais para o nosso senso subjetivo de quem somos nós.”<sup>16</sup> (HALL, 1997a, p. 227. Itálico no original. Tradução minha.)

Após uma busca incessante, Miraflores encontra a irmã de seu pai e descobre que ele havia falecido dez anos antes. A jovem recebe de sua tia uma caixa contendo os pertences de seu pai. Nela, Miraflores encontra fotografias e cartas, com as quais ela parece procurar preencher, de alguma forma, as lacunas de seu passado. Nesse

---

rota de colisão a cada segundo de cada dia. (...) Eu gosto de imaginar que a razão por trás de todo esse esforço incansável é que os continentes desejam se unir de novo, como eram no início. Os seres humanos tentam ser como os continentes. Nós tropeçamos e cruzamos e cambaleamos em todo o mundo em um esforço para encontrar o nosso caminho de volta um para o outro. Esse parece ser o principal negócio da vida às vezes: a nossa tentativa desordenada de chocar-se com as outras pessoas. Esticando, esticando, para apenas tocar.” (HENRÍQUEZ, 1999, p. 85. Tradução minha.)

<sup>15</sup> “Para uma menina que nunca foi capaz de encontrar um chaveiro com o seu nome, ou um lápis personalizado, ou um chapéu com seu nome bordado, isso é um choque. Mas um choque bem-vindo. Meu nome é familiar aqui. Se ele pertence a esse lugar, talvez eu pudesse também.” (HENRÍQUEZ, 1999, p. 117. Tradução minha.)

<sup>16</sup> Texto original: “We are all (...) *ethnically* located and our ethnic identities are crucial to our subjective sense of who we are.” (HALL, 1997a, p. 227. Italics in the original.)

processo, Miraflores também busca devolver para sua mãe um passado que está lhe escapando através da doença que se intensifica. A jovem reconhece que sua ida ao Panamá envolve ainda seu desejo em dar de volta à sua mãe a melhor parte de sua vida antes que ela se esquecesse dela. (HENRÍQUEZ, 1999, p. 251) Ao mesmo tempo, Miraflores visa a resgatar um passado que desconhecia. Miraflores acrescenta: “I was trying to reclaim a past I never knew until recently that I had (...).”<sup>17</sup> (HENRÍQUEZ, 1999, p. 251. Tradução minha.)

Contudo, a tentativa de Miraflores em conectar-se com suas raízes panamenhas pode não ter sido alcançada em sua plenitude. Em sua chegada aos Estados Unidos, ainda no aeroporto, a jovem observa com alívio que ela está ouvindo novamente o idioma inglês, compreendendo tudo o que é dito, sem precisar se concentrar para tal. (HENRÍQUEZ, 1999, p. 260) Podemos observar que tal cena ilustra como é extremamente significativa a familiaridade da jovem com a sociedade estadunidense, proporcionando um retrato de sua identidade diaspórica.

Como esta breve discussão procurou refletir, o romance *The World in Half*, da escritora panamenho-americana Cristina Henríquez, oferece um recorte do processo de construção de identidade de sujeitos diaspóricos. O romance de Cristina Henríquez proporciona ainda uma importante oportunidade de reflexão sobre como o hibridismo pode desempenhar um significativo papel no processo de construção dessa identidade.

---

<sup>17</sup> “Eu estava tentando reivindicar um passado que eu nunca soube até recentemente que eu tivesse (...).” (HENRÍQUEZ, 1999, p. 251. Tradução minha.)

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. New York: Verso, 2006, 2ª ed.

BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London: Routledge, 1996.

GROSSBERG, Lawrence. "Identity and Cultural Studies: Is that All There Is?". In: HALL, Stuart; DU GAY, Paul (Eds.). *Questions of Cultural Identity*. London: Sage Publications, 1996, p. 87-107.

HALL, Stuart. "New Ethnicities". In: ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen (Eds.). *The Post-colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1997a, p. 223-227.

\_\_\_\_\_. "Cultural Identity and Diaspora". In: MONGIA, Padmini (Ed.). *Contemporary Postcolonial Theory: A Reader*. Arnold: London, 1997b, p. 110-121.

\_\_\_\_\_. "The Question of Cultural Identity". In: \_\_\_\_\_ et al (Eds.). *Modernity: An Introduction to Modern Societies*. Malden: Blackwell Publishing, 2005, p. 595-634.

HENRÍQUEZ, Cristina. *The World in Half*. New York: Riverhead Books, 2009.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Luis Alberto Urrea no Programa Beyond Macondo: Contemporary Latino Fiction do UIC Institute for the Humanities and the Writing Program da School of the Art Institute of Chicago. Chicago, 2012. Disponível em: <http://www.chicagohumanities.org/Genres/Literature/2012f-Urrea-and-Henriquez-Beyond-Macondo.aspx>. Acesso em: 20 mai. 2013.

RUSHDIE, Salman. *Imaginary Homelands*. London: Vintage Books, 2010.